

Alunos fazem o caminho de volta

Roberta Lippi

Bons ventos trazem os brasileiros que estudam fora para trabalhar no país.

Se a capacidade de adaptação sempre foi um atributo valorizado nos profissionais brasileiros, não poderia ser diferente com aqueles que encaram fazer um MBA no exterior. Até 2007, o sonho de boa parte dos brasileiros que cursava MBA nas escolas de primeira linha nos Estados Unidos e Europa era ficar por lá e conseguir um emprego nos principais bancos e consultorias. Mas, com a crise, os papéis se inverteram. Agora, o Brasil não é mais o destino escolhido por falta de opção. Para muitos, voltar para casa nesse cenário parece ser o melhor dos mundos.

A mudança ocorreu também no que diz respeito ao mercado de atuação. Os bancos e consultorias, afetados pela turbulência econômica, obrigaram os estudantes a abrir seu leque de alternativas para empresas de serviço e até mesmo para a indústria. As perspectivas em relação a salários, inclusive, baixaram: em 2008, mais de 70% dos estudantes almejavam um incremento de 40% a 160% no salário depois de formados no mestrado internacional. Em 2009, 60% tinham expectativas mais modestas, que variavam de 0% a 120% de acréscimo sobre a remuneração anterior ao curso.

Os dados fazem parte de uma pesquisa concluída no fim do ano passado pela consultoria brasileira GNext sobre o perfil dos estudantes brasileiros nos principais MBAs do mundo, divulgada com exclusividade para o Valor. Mas, apesar da virada de cenário, o interesse em adquirir a experiência de um mestrado em negócios fora do país continua crescente, especialmente entre profissionais na faixa dos 28 aos 32 anos, garante a sócia da consultoria, Juliana Lacerda. O estudo contou com a participação de 94 brasileiros cursando o MBA das 15 principais escolas de negócios do mundo dos EUA e Europa segundo o ranking do jornal britânico "Financial Times".

Outra constatação da pesquisa é que, durante a crise, diminuiu o número de empresas no país que patrocinaram funcionários para cursar MBA no exterior. As consultorias, por exemplo, bancaram total ou parcialmente 60% dos alunos enviados em 2008; já no ano passado, apenas 25% foram patrocinados. "Talvez este ano, com a retomada na economia, isso mude", diz Juliana, responsável por aproximar alunos de MBAs internacionais de empresas no Brasil que estão em busca dos famosos "high potentials."

A aposta de afastar um profissional do trabalho por dois anos para se dedicar aos estudos gera um custo que nem toda companhia está disposta a pagar. Afinal, sabe-se que o assédio sobre os estudantes das escolas "top 10" é alto e a empresa corre o risco de perder seu profissional. Muitas delas, no entanto, como a consultoria Roland Berger, acreditam que o risco compensa. "Nossos profissionais são assediados o tempo todo. O MBA é só mais um fator", afirma o consultor Rodrigo Dantas. Por esse motivo, a retenção de talentos tem de ser um esforço constante. "Você não tem que reter um indivíduo porque ele fez MBA, mas porque ele é extremamente talentoso e precisa ser constantemente desafiado", completa. Para ele, o enriquecimento cultural e o amadurecimento são os fatores de maior vantagem para aqueles profissionais que buscam uma experiência fora do país.

Na Roland Berger, bancar o MBA internacional de seus profissionais com alto potencial faz parte do processo de evolução de carreira. Segundo Dantas, em 2009 não houve redução no número de programas bancados pela instituição. Atualmente, há quatro brasileiros da equipe de 42 pessoas cursando MBA nos EUA, proporção considerada alta pelo mercado.

Daniel Azevedo, de 29 anos, voltou de um MBA em Stanford há seis meses. Engenheiro formado pela Unicamp, entrou na Roland Berger como estagiário em 2002 e, em 2007, foi um dos escolhidos para cursar MBA nos EUA. Na volta, sentiu rapidamente o impacto do curso sobre o seu desempenho profissional. "É uma questão de ampliar horizontes. O MBA me deu exposição a executivos de alto nível, a prêmios Nobel e a grandes empreendedores."

Fonte: Valor Econômico, São Paulo, 10 maio 2010, Eu & Investimentos, p. D12.